

A PANDEMIA DE COVID-19 E OS EFEITOS DO DISCURSO OBSCURANTISTA INSTAURADO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Anderson Nowogrodzki da Silva¹ (*Universidade de Brasília/GEPL/NE LIM*)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir os efeitos da disseminação do discurso obscurantista no Brasil durante a pandemia de COVID-19, além de enfatizar suas implicações e reflexos para o discurso científico e para a sua legitimidade social. Observou-se que as redes sociais digitais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter etc.*) se tornaram ambientes virtuais em que se proliferam em grande escala e com extrema velocidade enunciados que possibilitam constituir e reafirmar as identidades dos usuários. Tomou forma, desse modo, um sistema em que o que se diz importa menos do que o modo como o dizer reitera a face criada para o usuário. A interação comunicativa virtual pressupõe que se compartilhe com velocidade, já que as informações não cessam em se atualizar, e as redes sociais virtuais propiciam um ambiente confortável para que se leiam apenas textos curtos (sem ser necessário procurar fontes ou fazer uma leitura crítica) e para que se possa compartilhá-los com apenas um toque, que é condicionado pela imagem de si que se busca criar para a audiência invisível com quem se está conectado. Abre-se espaço, assim, para a reprodução massiva de enunciados que não compactuam com fatos (as chamadas *Fake News*). A democratização dos ambientes virtuais aliada ao cenário político-social instaurado no Brasil em 2020 possibilitou a emergência de um forte negacionismo científico, sustentado pela difusão das *Fake News*, já que uma série de perspectivas discursivas que permeiam a atualidade se alicerçam na oposição ao discurso científico. Partindo da perspectiva da Linguística Ecolinguística e da Análise do Discurso Ecolinguística, propostas por Couto (2013), Couto & Borges (2015) e Couto & Fernandes (2021), e dos princípios da interação comunicativa virtual proposta por Nowogrodzki da Silva (2018), observa-se que o discurso obscurantista virtual e sua legitimação feita por figuras públicas, tendo por base *fake news* ou a distorção dos fatos, estabeleceram e disseminaram valores de verdade que se opõem ao que já era tido como axioma pela ciência. Deslegitima-se o discurso científico a fim de exaltar elementos ideológicos que

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística (Área de concentração: Linguagem e Sociedade; Linha de pesquisa: Língua, Interação Sociocultural e Letramento) da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação do Prof. Dr. Hildo Honório do Couto. E-mail: a.nowogrodzki2@gmail.com.

ECO-REBEL

perpassam identidades, como o conservadorismo, a moralidade cristã, a ideologia neoliberal, o nacionalismo e a idolatria da força militar na condução do Estado. Para clarificar essas relações, analisam-se enunciados compartilhados via redes sociais digitais diversas que reproduzam o discurso obscurantista, buscando entender o impacto que causam nos diversos âmbitos da sociedade durante um momento calamitoso, como a pandemia de COVID-19, no Brasil.

Palavras-chave: Ecolinguística; Discurso obscurantista; Redes sociais digitais; Pandemia; *Fake news*.

Abstract: This paper is intended to discuss the obscurantist discourse effects in Brazil during the COVID-19 pandemic, emphasizing the implications and consequences in the scientific discourse, thinking about the social legitimacy. We observed that the social networks (WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter etc.) became virtual environments in which statements that enable the establishment and reaffirmation of the user's identities proliferate on a large scale and very quickly. Thus, a system emerges in which what people say matters less than how much this reiterates the face created for the user. The virtual communicative interaction presupposes a quick sharing of what is said, because the information does not cease to change. Social networks provide a comfortable environment for reading only short texts (no need to look for sources or to a critical reading) that are shared with just one touch. This dynamic allows the users to create an image of themselves to the invisible audience they are connected to. In this case, statements that do not agree with the truth are massively formulated (the so-called fake news). The democratization of virtual environments combined with the political and social scenario introduced in Brazil in 2020 allowed the emergence of a strong denial of science, supported by the dissemination of fake news sustained on a series of discursive perspectives that are based on opposition to scientific discourse. Based on Ecosystemic Linguistics and Ecosystemic Discourse Analysis, proposed by Couto (2013), Couto, Couto & Borges (2015), in Couto & Fernandes (2021) as well as in the virtual communicative interaction principles proposed by Nowogrodzki da Silva (2018), we observed that the virtual obscurantist discourse and its legitimation made by public figures, based on fake news or distorted facts, establishes and disseminates perspectives about the truth that deny what was already considered an axiom by science. The scientific discourse is delegitimized in order to exalt ideological elements that permeate identities, such as conservatism, Christian morality, neoliberal ideology, nationalism and the idolatry of military force that drives the State. To clarify these assertions, we analyze statements shared via social networks that reproduce the obscurantist discourse, seeking to understand the impact they have on different spheres of society during a calamitous moment, such as the COVID-19 pandemic in Brazil.

Keywords: Ecolinguistics; Obscurantist discourse; Social network; Pandemic; Fake news.

Considerações iniciais

O Brasil passa por um momento conturbado em sua história, marcado pela pandemia de COVID-19 e por um ambiente de polarização política que dificulta a coesão da população e das

ECO-REBEL

instituições governamentais no enfrentamento de uma das adversidades mais devastadoras dos últimos anos. No momento em que este artigo está sendo escrito, perderam-se mais de 555 mil vidas humanas brasileiras infectadas pelo coronavírus. Não é apenas um número vazio, são seres humanos pertencentes a famílias, a comunidades, importantes para aqueles que os rodeavam e que por eles nutriam afeto. Uma situação extrema que deveria ser superada por meio de cooperação, comunhão e união de toda a sociedade, foi estendida por diversos fatores. Dentre eles, destaca-se o discurso obscurantista que se instalou vagarosamente no Brasil nos últimos anos e que, aos poucos, vem deslegitimando o discurso científico, disseminando-se nos ambientes virtuais, baseando-se em experiências empíricas não comprovadas e no uso de viés de confirmação para se sustentar, alicerçando-se na dificuldade da ciência nacional em socializar o conhecimento científico com os setores da sociedade menos letrados.

É olhando para essa conjuntura que o presente artigo se estrutura, na busca por entender os efeitos do discurso obscurantista que permeia as redes sociais digitais no Brasil durante a pandemia de COVID-19. Para tanto, toma-se como alicerce teórico-metodológico a Análise do Discurso Ecológico (ADE), um viés dos estudos discursivos desenvolvido dentro da Linguística Ecológica (LE), proposto por Couto (2013), detalhado por Couto, Couto & Borges (2015) e refinado por Couto & Fernandes (2021). Além disso, observa-se a complexidade inerente à interação comunicativa virtual e suas características com base na perspectiva de Nowogrodzki da Silva (2018), que aborda a transposição das interações face a face para o ambiente virtual a partir das bases da LE. Nesse sentido, são detalhados, por meio de uma visão ecológica, os elementos que fazem parte de um modelo de interação comunicativa em ambientes virtuais e o modo como o contato entre interactantes nas redes sociais digitais se desenvolve, possibilitando vislumbrar os fatores que permitem a difusão massiva de informações falsas e anticientíficas na internet.

Este artigo traz em seu corpo, ainda, o DNA da Ecofilosofia e da Ecologia Profunda, perspectivas fundamentais na constituição da ADE, derivadas do pensamento de Naess (1973; 1986; 1987). O autor estabelece o ambientalismo como uma pequena parte que constitui uma visão ecológica de mundo (VEM), a partir da qual erigiu seus estudos e suas práticas em vida, asseverando que um olhar ecológico precisa alcançar níveis mais profundos e refletir sobre temas extremamente complexos que permeiam a sociedade, tais como: diversidade, complexidade, autonomia populacional, descentralização, simbiose (cooperação), igualdade e divisão de classes.

Acredita-se que o presente trabalho possa conduzir o leitor à reflexão, trazer informações necessárias à sociedade, gerando impactos em seu comportamento, e, por meio de uma análise discursiva ecossistêmica, provocar outros pesquisadores a produzirem estudos que evidenciem a reprodução do discurso obscurantista como um sinal de emergência para que modifiquemos o fazer científico e para que alcancemos os setores da sociedade que estão privados da produção intelectual acadêmica.

1. Princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso Ecológico

Como base teórico-metodológica que fundamenta este artigo, utiliza-se a Análise do Discurso Ecológico (também conhecida, em textos mais antigos, como Análise do Discurso Ecológico), uma vertente da Linguística Ecológica (ramo da Ecolinguística desenvolvido por Couto (2007, 2015) no Brasil). Essa teoria se alicerça sobre algumas bases fundamentais, que permitem ao pesquisador vislumbrar o objeto estudado a partir de uma perspectiva crítica, reflexiva e humanizada, sem perder de vista os recursos e os procedimentos metodológicos que são próprios do fazer científico no âmbito da Linguística. A Linguística Ecológica tem como foco o ecossistema linguístico, ou seja, um ambiente em que pessoas, convivendo num mesmo território, interagem comunicativamente por meio de uma língua. A ADE se debruça sobre o mesmo objeto de estudos, mas focaliza um elemento específico, que é o discurso. Dessa forma, busca-se descrever e analisar como se constituem e se dinamizam os sentidos (valores discursivos) na interação e quais são os seus efeitos para a comunidade de fala em que circulam, observando sua emergência no complexo de elementos que constitui uma ecologia da interação comunicativa em meio a um ecossistema linguístico.

É fundamental que se defina o conceito de discurso na ADE, entendendo-o como a relação estabelecida entre os modos de ver/interpretar o mundo, ou seja, como perspectivas dinâmicas que se transformam a todo o tempo numa relação recíproca entre os atos de interação comunicativa, caracterizados por Couto (2015) como a comunicação estabelecida por interactantes num momento específico de interação, e os valores discursivos que predominam em dado ecossistema linguístico, observando o que pode ser dito a partir deles e em oposição a eles.

Pretende-se abordar aqui, em primeiro lugar, como perspectiva fundamental para a aplicação da ADE, a Ecologia Profunda como uma base para a constituição de uma Visão

ECO-REBEL

Ecológica de Mundo (VEM) e de uma Ecofilosofia. Esse modo de ver o mundo promove a estruturação de um campo do conhecimento que se desenvolve de forma ativa, na busca constante por mudanças que deponham em favor da comunhão e da harmonia. Como uma proposta de Naess (1973), a Ecologia Profunda objetiva promover transformações a partir de um olhar profundo sobre as relações ecossistêmicas. Para o autor, é necessário se atentar a problemas que excedem as lutas ambientalistas (sem deixar de contemplá-las). Para Naess (1986), o ser humano deve ser entendido como parte do ambiente em que vive, num todo relacional, numa rede de relações, ao invés de vê-lo como se estivesse apenas inserido no ambiente. Dessa forma, atribui-se igual valorização a todas as formas de vida, considerando a necessária interdependência entre os organismos. Evidencia-se, por consequência, a importância da diversidade para a manutenção da própria vida, aumentando o potencial de sobrevivência do ecossistema, buscando coexistir e cooperar, vivendo e deixando viver.

De acordo com Naess (1987), o ser vivo precisa se direcionar à sua autorrealização, entendendo-se enquanto parte do ecossistema em que vive, percebendo que o ambiente que habita e os demais organismos que o cercam constituem uma extensão de si. Dessa forma, intenta-se não reduzir a riqueza inerente à diversidade, posicionando-se contra as ações que podem causar desequilíbrios ao ecossistema. Coloca-se, assim, o pesquisador numa busca constante pela homeostase em meio à entropia. Entendendo todos esses princípios, assume-se uma postura ecofilosófica contra as relações de exploração e opressão, optando, ao invés disso, pela autorrealização mútua. A defesa da autossuficiência e da autonomia mental e material das comunidades e organismos auxilia na proposição de novas perspectivas. Assim se constitui, neste estudo, o papel do pesquisador ativo por meio de uma análise reflexiva dos discursos que circulam num ecossistema, visando entender os valores discursivos que constituem as formas de pensar, agir e interagir e propor formas realizáveis de amenizar as violências que permeiam dado ecossistema e são sustentadas discursivamente, como demonstram Couto & Fernandes (2021). O potencial de promover mudanças se dá por meio da conscientização enquanto processo de longo prazo ou de proposições que possam ser realizadas de forma prática.

De acordo com Couto, Couto & Nowogrodzki da Silva (2021), o método da focalização é necessário para que se possa entender a complexidade inerente à dinâmica discursiva, aproximando-se microscopicamente para observar as interações comunicativas que se constituem como materialidades específicas de forma representativa e afastando-se a fim de vislumbrar um

panorama macroscópico dos discursos em um ecossistema linguístico, abarcando o holismo proposto pela LE como forma de contemplar a totalidade ecossistêmica. Como complemento, Couto & Fernandes (2021) apontam o método indiciário como caminho para proceder com uma hermenêutica do discurso, em que a análise dos valores discursivos que permeiam a materialidade deve se basear na regularidade dos indícios que se evidenciam na descrição linguística e na coerência existente entre eles.

Para Couto (2015), pela gama de conceitos que apresentam e pela concretude metodológica, teórica e epistemológica, a LE e a ADE possuem um alicerce sólido o suficiente para que possam analisar quaisquer fenômenos linguísticos, valendo-se de uma postura interventiva que atua em prol da vida, configurando-se como uma perspectiva ética da vida, uma ecofilosofia.

2. Redes sociais digitais e valores de verdade

Partindo dos princípios da ADE, faz-se necessário entender que a busca pelos valores discursivos por meio dos métodos da focalização e indiciário tem como foco três procedimentos: a descrição da interação comunicativa, a análise linguística (contemplando as linguagens diversas mobilizadas pelos interagentes e o modo como contribuem para a produção de valores discursivos) e a reflexão sobre os efeitos dos discursos no ecossistema. Com a finalidade de descrever uma interação, é necessário detalhar a Ecologia da Interação Comunicativa (EIC). Para tanto, observam-se seus elementos constitutivos que, como propõem Couto, Couto & Borges (2015), seriam: falantes em interação (considerando quem são, suas identidades múltiplas e suas posições sociais); assuntos (focos comunicativos); regras interacionais (regularidades culturais que permitem estabelecer uma interação comunicativa inteligível) e um cenário (meios ambientes físico, mental, social, histórico e cultural que influenciam diretamente os modos de falar e o que é ou não legitimado naquele espaço). Quando se pensa, porém, em tipos diferentes de interação comunicativa é preciso definir suas características para que se possa entender o modo como se produzem sentidos em diferentes modelos comunicacionais.

Este artigo se propõe a analisar o discurso obscurantista que se dissemina e se reproduz principalmente nas redes sociais digitais, por isso, faz-se necessário considerar uma forma de interagir comunicativamente que não é a prototípica (face a face). É preciso entender as

ECO-REBEL

características da interação comunicativa virtual e os efeitos que a ausência de um corpo físico produz, observando principalmente o ambiente propício e confortável para que o usuário reproduza e dissemine inverdades que dão corpo material ao discurso obscurantista e que tomam força pelo modo como se configuram e pela capacidade de escalabilidade, facilidade de leitura e compreensão, acessibilidade, reprodutibilidade e por reforçar uma máscara digital que o falante busca estabelecer para o seu avatar no ambiente virtual. Segundo Nowogrodzki da Silva (2019), existem diferentes tipos de interação comunicativa e eles devem ser levados em consideração no momento de desenvolvimento de um estudo no campo da Ecolinguística, pois modificam drasticamente os modos de interagir. A descrição das características de uma interação comunicativa é fundamental para entender a qual tipo de interação ela pertence. A forma mais prototípica de interação é a interação comunicativa face a face, em que falante e ouvinte são intercambiáveis e dialogam num mesmo espaço e num mesmo tempo, mobilizando para tanto diversas regras interacionais que permitem produzir sentidos e manter a comunicação. Distanciando-se desse padrão comunicativo, encontra-se a interação comunicativa virtual, que se baseia nos princípios de desterritorialização e de virtualização das interações. Sendo assim, o território enquanto espaço físico é eliminado junto da corporeidade do falante e dá lugar a um complexo interacional virtual. Forma-se um simulacro virtual, estruturado como uma projeção de uma realidade diferente do mundo físico, em que os falantes se constituem em avatares criados por eles mesmos. A virtualidade ainda permite formular um espaço em que as verdades produzidas e os modos de agir e interagir são próprios da interação comunicativa virtual e estão limitados às ferramentas disponibilizadas pela rede social digital que liga os usuários, causando reflexos, no entanto, nos meios ambientes físico, mental e social em que os falantes estão inseridos. Esses fatos contribuem para perceber como o uso indiscriminado e banal das redes sociais digitais pode impactar a vida em comunidade e provocar a reprodução de inverdades que fundamentam práticas prejudiciais para o conjunto social.

Na medida em que surgiram, no fim do século XX e no início do século XXI, tecnologias da comunicação e da informação capazes de conectar pessoas em diferentes tempos e espaços, tomou forma um novo modo de comunicação, um nível diferente no qual a interação comunicativa acontece, produzindo uma abstração em relação ao espaço físico. A ruptura estabelecida no ecossistema linguístico é derivada de um processo de desterritorialização, que provoca uma quebra nesse ecossistema ao suprimir um de seus elementos fundamentais, o território, retirando, por

ECO-REBEL

consequência, a instância física de sua integralidade, ou seja, extraindo as relações físicas e corpóreas presentes nas interações entre organismo-organismo e organismo-mundo. Apesar de modificar o ecossistema linguístico, a interação comunicativa não é impedida, sendo estabelecida em redes sociais digitais por meio de ferramentas interacionais, que permitem emular aspectos físicos num ambiente virtual, compensando sua ausência. Por consequência, a interação comunicativa virtual pode ser entendida como um modo abstrato de interação, uma maneira de se comunicar que pode ser estudada pela Ecolinguística por meio da comparação entre o nível mais prototípico de interação linguística (face a face) e o afastamento em relação a ele. Desse modo, segundo Nowogrodzki da Silva (2019), a interação comunicativa virtual pode ser vista como uma extensão de diversos ecossistemas ou comunidades de fala, criada para conectá-los num ambiente virtual. Toma forma, portanto, de acordo com Nowogrodzki da Silva (2018), um modelo comunicacional que se distancia do que é prototípico (interação comunicativa face a face), tendendo a afastar fisicamente os indivíduos em interação, na medida em que eles não precisam se encontrar no mesmo lugar ou no mesmo tempo de fala. A partir do exposto, pretende-se, na próxima seção, analisar o modo como o discurso obscurantista se dissemina nas redes sociais digitais, o que o legitima, as características das materialidades linguísticas que constituem o discurso obscurantista (*fake news*) e como a ausência da corporeidade facilita a ruptura com os pactos sociais estabelecidos.

3. Ecos do discurso obscurantista durante a pandemia de COVID-19 no Brasil

A pandemia de COVID-19 no Brasil aliada a um cenário político instável que tem raízes históricas profundas, a um sistema que inviabiliza a democratização da ciência por sobrecarregar e desvalorizar pesquisadores, ao avanço tecnológico que conecta todo o globo terrestre por meio de redes sociais digitais e à ausência de projetos públicos dedicados à formação crítica e reflexiva de cidadãos em relação ao uso dos ambientes virtuais constituíram uma conjuntura de obscurecimento do conhecimento científico e da produção de verdades baseadas, cada vez mais, no empirismo não comprovado. Constitui-se, assim, comunidades de fala em que o discurso obscurantista se instalou e ganhou espaço progressivamente por meio das redes sociais digitais, materializando-se principalmente na forma de *fake news* e sendo legitimado por figuras públicas prestigiadas por certos grupos sociais.

ECO-REBEL

O ponto mais sensível desse complexo de elementos é que o discurso fundamenta práticas, formas de agir, de dizer e de pensar que impactam nas relações estabelecidas nos meios ambientes físico, mental e social. A partir do momento em que os olhares críticos são suprimidos por uma estrutura que inviabiliza a contemplação e a reflexão, produz-se uma massa populacional que baseia suas práticas naquilo que é mais simples de assimilar e de comprovar por meio de suas experiências diárias (conhecimento empírico).

Num país democrático, em que uma educação que liberta, conscientiza e faz pensar criticamente é obstada, os grupos sociais mais numerosos e com menor acesso à cultura e ao conhecimento formal tendem a eleger líderes com quem se identifiquem, que falem em seus próprios termos, que gerem senso de pertencimento e indignação contra um ambiente político historicamente marcado por corrupção.

O atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, constituiu, nas eleições de 2018, a representação de uma figura heroica, ilibada e revolucionária contra o sistema político vigente, marcado pela corrupção e pela valoração discursiva de que todo político é “ladroão”, associado à figuras de terno e gravata, de classe média alta, prolixas e, por muitos, consideradas pedantes. Apesar de atuar como representante político do povo há quase 30 anos e fazer parte do sistema político vigente no Brasil, a pouca visibilidade de Bolsonaro até 2018, a linguagem acessível, os apelos polêmicos nas redes sociais digitais e a busca por construir uma imagem popular gerou a esperança de mudança, de renovação e de enfrentamento do sistema que a população almejava. Esse processo político sistematizou o uso de inverdades e se tornou um vetor potencializador do discurso obscurantista. É importante sintetizar esse contexto para que se possa vislumbrar o crescimento do uso de *fake news* e a consequente potencialização do discurso obscurantista em razão do uso estratégico de inverdades com finalidades políticas, tendo por base uma forte polarização ideológica que conduz a uma situação em que o diálogo não é possível.

Bolsonaro foi eleito como autoridade máxima do poder executivo do Brasil pela identificação popular com a sua figura, sem que se averiguasse o quão preparado estava para lidar com a gestão do país e para dialogar com os demais poderes (o que é fundamental em uma república federativa presidencialista), se cercou de pessoas alinhadas aos seus modos de pensar e de agir, sem aceitar o contraditório e sem conseguir construir relações diplomáticas com a oposição, passando a se sustentar por meio de polêmicas recorrentes e de inverdades. Todos esses

ECO-REBEL

elementos fundamentam a produção de um ambiente legitimado para que se reproduza o discurso obscurantista, na medida em que ele é mobilizado pelo presidente da república, que foi eleito por parecer representar parte considerável da população brasileira. Para além disso, esse processo político criou bolhas sociais (virtuais ou não) em que o discurso obscurantista se dinamiza.

A dinâmica das redes sociais digitais, que identifica regularidades no comportamento dos usuários por meio de algoritmos e passa a reproduzir com mais incidência publicações que se alinham às suas formas de pensar e de agir, contribui também para esse processo, na medida em que o falante deixa de se expor, aos poucos, ao diálogo mediado pelo contraditório, fomentando a polarização político-ideológica.

A fim de entender como se configuram e se disseminam nas redes sociais digitais as *fake news*, principal motor material para a potencialização do discurso obscurantista, observam-se, na sequência, publicações realizadas em diversas redes sociais digitais, enfatizando suas características estruturais, seus aspectos linguísticos e interacionais, visando contemplar os princípios da ADE por meio da descrição e da posterior análise da EIC de cada materialidade, o que possibilita a observação de indícios recorrentes que conduzirão aos valores discursivos nela impregnados.

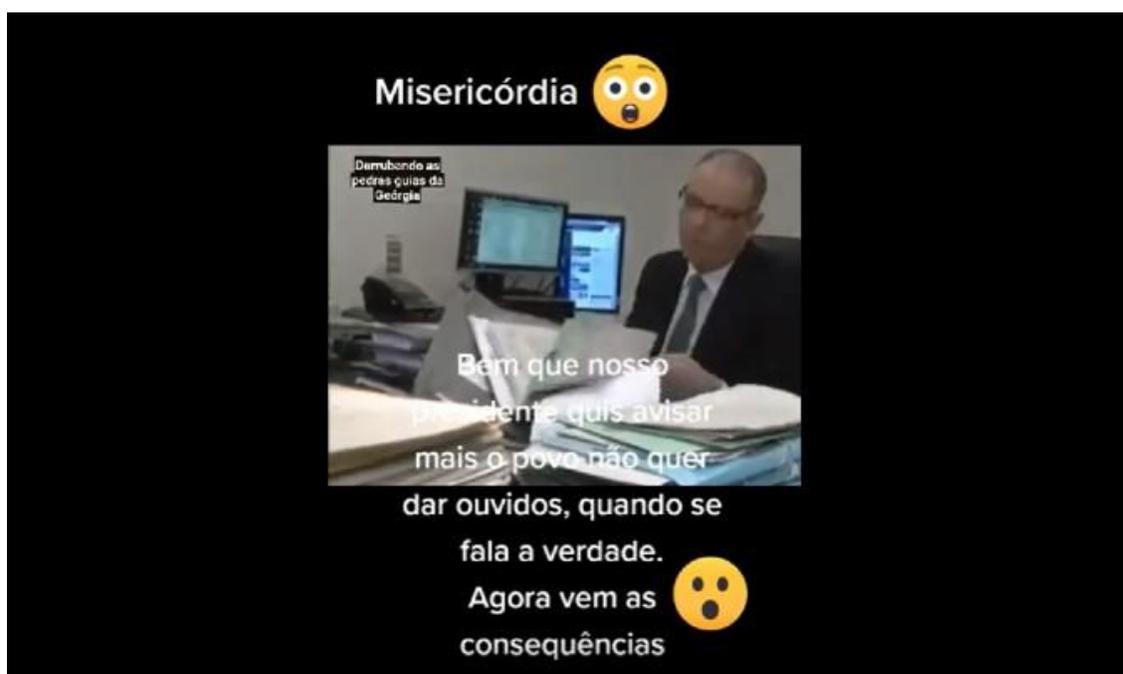
É necessário observar que, a materialidade denominada *fake news* diz respeito a notícias que não correspondem à verdade, ainda que parcialmente, e intentam manipular ou enganar outras pessoas para que acreditem ser verdades, podendo variar nas motivações pelas quais foram criadas. Ao observar como as *fake news* são sistematizadas, podem-se visualizar regularidades, o que ajuda a identificá-las e a entender a emergência dos valores discursivos que atuam na dupla função de constituir o discurso obscurantista e de ser constituído por ele.

As *fake news* podem aparecer de diferentes formas, mas seguem um mesmo padrão estrutural e de regras interacionais. A fim de observar esse fenômeno social e linguístico ecossistêmico, analisam-se duas materialidades representativas disseminadas em diversas redes sociais digitais e relacionadas à pandemia de COVID-19 no Brasil, buscando entender como ecoa o discurso obscurantista e que impactos causa para a permanência da vida num momento tão delicado.

ECO-REBEL

A primeira materialidade linguística (Figura 1) a ser analisada se trata de um vídeo compartilhado massivamente por meio do WhatsApp. O vídeo apresenta uma situação em que o Ministério Público Federal (MPF) de Uberlândia (Minas Gerais) teria chegado à conclusão de que não existem pesquisas que confirmem a eficácia da imunização por meio da vacinação. Um procurador do MPF (Cléber Eustáquio Neves) aparece em entrevista no vídeo e pede a proibição da vacina em território nacional, indicando, ainda, a preocupação de outros países com efeitos adversos, alegando a existência de reações e ressaltando que o Japão teria recomendado a não aplicação da vacina.

Figura 1: Fake News sobre suspensão de vacinas



Fonte:

Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/08/05/verificamos-mpf-suspensao-vacina/> > Acesso em: 5 de ago. de 2021

Apesar de a entrevista ser real, ela foi tirada de contexto, referindo-se, na verdade, a um acontecimento de 2015, sem nenhuma conexão com a pandemia atual. O vídeo foi retirado de uma entrevista em que se falava sobre a polêmica que envolvia o pedido de proibição da vacina contra o HPV (essa ação foi, inclusive, julgada improcedente). O mesmo procurador, no ano de 2021,

ECO-REBEL

moveu uma ação para que o acesso a imunizantes contra a COVID-19 fosse garantido para a cidade de Uberlândia. O Japão, até agosto de 2021, já vacinou quase metade de sua população e continua o processo de vacinação. O vídeo está editado e fragmentado, para que o assunto do qual tratava em sua versão original não seja exposto, condicionando o usuário das redes sociais digitais a associar o que é dito ao atual estado de pandemia. Para condicionar ainda mais esta percepção, o vídeo conta com um texto verbal escrito que assevera “Bem que nosso presidente quis avisar mais o povo não quer dar ouvidos, quando se fala a verdade. Agora vem as consequências”.

Algumas características precisam ser observadas na constituição do texto multimodal da Figura 1, para que se possa entender o valor discursivo inerente ao vídeo e os impactos que ele pode vir a causar. As *fake news* não trazem em seus corpos marcas de autoria que permitam entender quem as produziu, portanto, ao reproduzir esse tipo de conteúdo, o usuário toma para si a autoria, assumindo-o como parte das suas crenças, ideias e valores frente à sua audiência invisível (os contatos que podem visualizar a postagem). Ao mobilizar este texto, o usuário se posiciona politicamente no cenário atual, pois, ao usurpar o papel de autor, demonstra o apoio à figura presidencial e às suas visões de mundo substanciadas por uma forte oposição à ciência. Para comprovar isso, observa-se o uso do pronome possessivo “nosso” em relação ao substantivo “presidente”, fazendo uma referência ao grupo social para o qual se fala, apoiadores do presidente que, por terem votado nele e se alinharem às suas perspectivas, o tratam como parte desse agrupamento, o que é reforçado pela oposição subsequente na menção ao “povo”, mencionado em terceira pessoa do singular, como opositores que não deram ouvidos ao que dizia Bolsonaro, criando uma oposição entre o grupo de apoiadores do presidente e o restante da população.

É perceptível ainda a relação estabelecida na figura 1 entre o que fala o presidente e a verdade, mesmo que não se mencione nenhum dizer de Bolsonaro. Ressaltando sua imagem como a de alguém em quem se deve acreditar cegamente, ainda que essa mensagem, que corrobora as falas presidenciais, seja mobilizada por uma notícia fora de contexto que nada tem a ver com a pandemia de COVID-19 e, portanto, caracteriza-se como *fake news*. Essa relação estabelecida demonstra como os dizeres de Bolsonaro, que não correspondem à verdade ou que diminuem a importância da ciência para a sociedade, legitimam o uso de *fake news* com motivações político-ideológicas, sem nenhum caráter científico, utilizando mentiras para reforçar crenças já descartadas pela ciência. O texto ainda fala em consequências por não ouvir o presidente, que

ECO-REBEL

fomentou a divulgação e a compra de medicamentos para o chamado “Kit COVID”, reforçando crenças de que a prevenção à infecção pelo vírus poderia ser feita por meio da ingestão de certos medicamentos. Em favor desse argumento, a figura 1 se apoia no medo de consequências advindas da vacinação como forma de desmotivar a imunização da população. É importante destacar que o uso de medicamentos preventivos em relação à COVID-19 foi descartado pela ciência e continuou sendo motivado pelo governo brasileiro.

Em sua estrutura, a figura 1 traz características muito expressivas e regulares em *fake news*, que podem ajudar a identificá-las, esclarecê-las e prevenir seu compartilhamento. Nota-se o uso de expressões exageradas, muitas vezes de cunho religioso, para chamar a atenção da audiência para o conteúdo, como é o caso do item lexical “Misericórdia” em letras brancas sobre um fundo preto, com a fonte um pouco maior que as demais, destacando-se nas imagens. O texto ainda conta com dois emoticons (representações de emoções pictográficas que são muito comuns e recorrentes em *fake news*) representando expressões assustadas ou de surpresa, que indicam um conteúdo chocante e revelador. O uso inadequado, de acordo com a norma estatal, da pontuação, a ausência de concordância entre as palavras “vem” e “consequências” e a escrita de “mais” ao invés de “mas” indicam algo comum na reprodução de *fake news*, o uso de uma linguagem escrita que não está prevista na gramática normativa. A ausência de referências ou fontes é também algo regular nesse tipo de postagem, além de conter muitos cortes e não fazer especificações sobre o conteúdo abordado.

A presença de conspirações antivacinas já é um indicativo de que as notícias podem ser falsas ou maquiadas. O que é mais grave na reprodução da figura 1, que representa inúmeros textos acerca do mesmo assunto, é a capacidade de se reproduzir rapidamente em ambientes virtuais, pois tende a produzir um choque emocional no leitor que observa uma personalidade pública de prestígio, o procurador do MPF de Uberlândia, dizendo que as vacinas podem causar reações e que está movendo ação pela proibição das vacinas em razão da ausência de estudos que comprovem sua efetividade, como se houvesse argumentos que depusessem contra o processo de imunização durante a pandemia de COVID-19. Esse tipo de notícias está gerando um forte movimento antivacinas e, paralelamente, promovendo a seletividade em relação a qual vacina será tomada. Isso impacta drasticamente na gestão da pandemia, que tende a aumentar e se potencializar por meio de variantes enquanto a totalidade da população não for vacinada. A produção em cadeia

ECO-REBEL

de textos que reiterem a associação entre a vacinação e consequências negativas gera o valor discursivo de que a ciência não age em favor da população, eclipsando o discurso científico em favor de estratégias políticas legitimadas por figuras públicas que garantem espaço ao discurso obscurantista.

A fim de observar outras características que permeiam a materialização do discurso obscurantista, debruça-se sobre a figura 2, compartilhada por meio do *Facebook*, afirmando que as máscaras são inefetivas na prevenção da infecção pelo coronavírus. A publicação assevera que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) teria admitido que as máscaras não têm efeito em relação ao vírus.

Figura 2: Fake News sobre o não funcionamento das máscaras



Fonte: Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/07/30/verificamos-anvisa-evidencias-mascaras-covid-19/>> Acesso em: 5 de ago. de 2021

ECO-REBEL

A informação que consta na publicação é falsa, já que, em todo o mundo, pesquisas comprovam a efetividade do uso de máscaras para diminuir o potencial de infecção pelo vírus, estabelecendo-a como medida preventiva que dificulta a inalação e a difusão de gotículas e aerossóis expelidos por pessoas que estejam infectadas, já que o vírus não se desloca pelo ar sozinho. A eficácia das máscaras varia, mas isso não as torna inefetivas.

Outra informação que consta na publicação é falsa, a Anvisa não admitiu que as máscaras não são eficazes contra a infecção pelo vírus. Pelo contrário, a agência incentiva o uso do equipamento como recurso preventivo e segue as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), como se pode verificar no site da instituição. Na verdade, a informação falsa provém do fragmento de um ofício enviado pela Anvisa para a Defensoria Pública da União, em Goiânia (Goiás) e tirado de contexto, pois versava exclusivamente sobre máscaras de tecido em relação às quais não é possível definir um índice de eficácia, na medida em que podem ser fabricados com materiais diversos, o que não significa que são ineficazes.

A página que fez a publicação carrega o nome de Cristiano Caporezzo que, inclusive, aparece com seu nome no canto superior esquerdo (ao lado da bandeira do Brasil com um crucifixo branco ao centro, símbolo que remete à sua postura política conservadora) e sua imagem no canto inferior esquerdo, o que reforça a tese de que as publicações reiteram a imagem que o usuário quer criar para o seu avatar digital. No caso de Caporezzo, que é vereador da cidade de Uberlândia (Minas Gerais), a publicação carrega marcas de autoria em busca de se constituir enquanto figura pública popular, direcionando a postagem para um grupo específico, já que o nome da página se constitui do sobrenome do vereador e da expressão “Bolsonaro Presidente”, dando a entender que as postagens que aparecem na página se direcionam a uma comunidade de fala virtual específica, os apoiadores do presidente Bolsonaro. Alinhado às perspectivas mobilizadas pelo líder do poder executivo federal, o vereador tem sua biografia publicada no site da prefeitura de Uberlândia, em que se podem observar características como: posição político-conservadora; cristão; possui carreira como militar; alinha-se à direita, no espectro político; lutou contra o fechamento do comércio durante a pandemia; defendeu o tratamento precoce (com o uso de medicamentos considerados pela ciência como inefetivos no combate ao coronavírus). Na biografia de

ECO-REBEL

Caporezzo, o coronavírus é chamado de “vírus chinês” o que, mais uma vez, ressalta o alinhamento do vereador com o discurso obscurantista que permeia o governo federal.

A fim de observar as características que se evidenciam na figura 2 e que são regulares em *fake news*, nota-se o uso de caixa alta em todo o texto escrito, com uma chamada polêmica relacionada ao valor discursivo de que máscaras são desnecessárias no combate à pandemia (o que pode se relacionar, potencialmente, à crença de que a imunidade de rebanho seja um método efetivo para dar fim à pandemia). Esses elementos chamativos atraem o leitor e o impactam, principalmente se tiverem relação com suas crenças pessoais, levando-o a compartilhar. Além disso, a descredibilização das convenções adotadas para o controle da pandemia é um traço recorrente nesse tipo de publicação. Outros elementos a serem considerados são: a ausência de referências ou *links* que direcionem ao texto completo produzido pela Anvisa; tentativa de deslegitimar a OMS como autoridade em saúde.

A análise das duas figuras demonstra o quão prejudicial pode ser o uso de uma posição pública de poder para disseminar inverdades por meio de *fake news* como estratégia para construir uma imagem política. Motivar a população a não utilizar máscaras por meio de uma página que carrega o nome do presidente da república e de um vereador (além de sua imagem e nome na publicação) pode acarretar a produção de comportamentos, formas de dizer e de agir que excedem o ambiente virtual e têm o potencial de dificultar o controle da pandemia em um país que não provê condições para o distanciamento social. Esses são efeitos potenciais do discurso obscurantista.

O uso das ferramentas “curtir” e “compartilhar” nas plataformas digitais (*Facebook* e *Instagram*) potencializam respectivamente a legitimação e a reprodução das *fake news* analisadas, pois relacionam a aceitação da comunidade de fala virtual em que se está inserido e a reiteração da imagem de si que se deseja criar como avatar como parâmetros para selecionar o que se posta, sem ao menos conferir a veracidade, já que o alto índice de compartilhamentos de publicações advindas de páginas e de contatos considerados “confiáveis” promove a sensação de segurança para que se compartilhe notícias que se alinham a ideias com alicerce empírico não comprovado, crenças e posicionamentos político-ideológicos. O mesmo acontece no *WhatsApp*, mas se baseia no uso de diferentes ferramentas, como o envio de imagens, textos, áudios e vídeos para grupos e pessoas específicas ou para uma lista de transmissão (que abarca diversos contatos). As redes sociais e o sistema capitalista criaram, em conjunção, uma sociedade em que o tempo está

ECO-REBEL

associado à produtividade e tudo precisa ser feito de forma rápida, sem momentos dedicados à contemplação. O excesso de informações advindo das redes sociais digitais, a velocidade de atualização dos *feeds* dos usuários ou das interações via *WhatsApp*, a falta de políticas públicas que visem o letramento digital crítico e a ausência de tempo para a prática reflexiva sobre o que se lê, produzem uma sociedade passiva e reprodutora de textos que constituem virtualmente as identidades de quem os reproduz, ainda que sejam *fake news*, conduzindo a um estado de manipulação constante por parte de quem elabora essas notícias. Dessa forma o discurso obscurantista se instala com cada vez mais força nas redes sociais digitais e se estende para os ecossistemas linguísticos, reverberando nas práticas e conduzindo a uma condição preocupante de descrença científica e de predomínio de verdades múltiplas fragmentadas que levam à confusão conceitual entre fatos e opiniões.

Apesar desse contexto, as redes sociais digitais (principalmente o *Facebook*) têm tomado certas iniciativas para amenizar a reprodução e a legitimação de *fake news*, como notificar usuários que curtem postagens desse tipo, excluir publicações e suspender contas de usuários.

Constituiu-se uma conjuntura de pós-verdade no Brasil, ou seja, passou-se a atribuir valores discursivos de verdade a dizeres ou ideias que não se baseiam em fatos, mas em quão regulares eles são nos grupos sociais com os quais as pessoas se identificam e o quanto eles se adequam às identidades do falante, sem que haja espaço para o pensamento crítico e para a verificação das informações. As redes sociais digitais tornam esse processo mais drástico, pois o usuário pode se projetar na tela como um avatar, como assegura Nowogrodzki da Silva (2018), utilizando diferentes publicações e ferramentas interacionais para reforçar a máscara digital que deseja criar, podendo ser um reflexo, uma aproximação, uma distorção ou uma criação fantasiosa em relação aos meios ambientes físico, mental e social em que vive. Passa a importar mais o quanto as publicações corroboram para a produção de uma imagem de si do que o compromisso com a verdade e com os pactos sociais estabelecidos em sociedade. Isso parece estar associado ao fato de que o corpo não se encontra em risco (seja em aspectos físicos, mentais ou sociais), motivando a disseminação de posições extremas e de preconceitos. A violência se legitima aos poucos nos ambientes virtuais pois o impacto nos meios ambientes físico, mental e social se dão de forma indireta.

ECO-REBEL

Em meio a uma pandemia, o uso e a reprodução em escala de *fake news* que constituem materialmente e potencializam o crescimento do discurso obscurantista é preocupante, pois geram instabilidade no controle e no combate ao vírus, na medida em que a ciência, o discurso científico, e suas orientações são deslegitimadas e desacreditadas, além de repercutir em ações de resistência ao isolamento social, ao uso de máscaras, à vacinação e à disseminação do conhecimento científico. Isso se aprofunda, principalmente, quando a figura presidencial e aqueles que a cercam, enquanto representantes de parte considerável da população, reafirmam as *fake news* e desconsideram o fazer científico como recurso para superar a adversidade, dificultando a gestão da pandemia, já obstada pelo fato de a coesão política do executivo com as demais instituições governamentais ser inexistente e não promover diálogos diplomáticos em prol de ações conjuntas.

4. Considerações finais

O discurso obscurantista que circula nas redes sociais não tem como lastro moral a punição ou a empatia, apenas a busca constante por preservar a imagem que se quer construir de si em um avatar, orientando-se por uma ética do ego, uma vez que o corpo físico, mental e social não se encontra em risco direto e os demais usuários não se apresentam como pessoas de carne e osso, passíveis de sentir e sofrer diretamente.

As redes sociais limitam os usuários à própria bolha social e desestimulam o contato entre discursos diversos, engessando e reafirmando ideias até que elas sejam levadas a extremos, por isso, torna-se cada vez mais necessário traçar vias para uma educação direcionada às tecnologias, partindo de uma perspectiva crítica.

Para além da alfabetização digital, que permite ao falante saber utilizar as ferramentas digitais dispostas em simulacros virtuais, é preciso desenvolver um processo de letramento digital, que permita ao usuário entender as redes sociais como uma extensão de sua vida cotidiana, desenvolvendo a capacidade de perceber de forma crítica os impactos que as práticas virtuais podem gerar para o conjunto da sociedade. A consciência da cidadania precisa se estender aos ambientes virtuais e o fazer cidadão precisa ser constituído por meio de um viés educacional, que preze por um olhar empático e reflexivo, visando disseminar uma postura questionadora em

ECO-REBEL

relação ao que se lê, sem perder de vista uma base racional e científica, que possa dar sustentação aos questionamentos ou aos valores de verdade compartilhados.

A academia precisa alcançar novos espaços e se fazer ouvir, deixar de lado os preconceitos e se infiltrar nos ambientes populares brasileiros por meio de uma linguagem acessível e de uma roupagem atraente, falar de forma simples sobre a complexidade que permeia a ciência, sem empobrecer o conhecimento. Este texto, para além de um artigo científico, é um chamado para que se estoure a bolha intelectual instalada nas universidades e para que se escoe pelos ambientes marginalizados. Precisa-se, acima de tudo, deixar de lado o egocentrismo cultivado por uma elite acadêmica envaidecida.

Para além de um ambiente democrático que dá voz aos silenciados indiscriminadamente, as redes sociais digitais deveriam ser mediadas por uma formação cidadã consciente, que provenha de políticas públicas bem estruturadas, visando um projeto de letramento digital crítico.

Referências

COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1. 2013. p. 275-312.

_____. Linguística Ecosistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*. v. 1, n. 1. 2015. p. 47-81. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967>> Acesso em 21 de setembro de 2019.

COUTO, H. H.; COUTO, E. K. N. N.; BORGES, L. A. O. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

COUTO, H. H.; COUTO, E. K. N. N.; NOWOGRODZKI DA SILVA, A. Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*. v. 7, n.1. 2021. p. 05–17. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36017> Acesso em 21 de julho de 2021.

COUTO, E. K. N. N.; FERNANDES, E. M. F. *Análise do discurso Ecosistêmica (ADE): teoria e prática*. 1. Ed. Brasília: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2021. Disponível em:

ECO-REBEL

<http://www.ecoling.unb.br/images/ADE.pdf> (acessos: 20 de julho de 2021).

NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. *Inquiry*. University of Oslo. v. 16. n. 1. 1973. pp. 95-100

_____. Deep ecology in good conceptual health. *The Trumpeter*. Canadian Ecophilosophy Network. v. 3. n. 4. 1986. p. 18-22.

_____. Self-realization: an ecological approach to being in the world. *The Trumpeter*. Canadian Ecophilosophy Network. v. 4. n. 3. 1987. pp. 35-42

NOWOGRODZKI DA SILVA, A. Avatares: o uso de máscaras digitais em simulacros virtuais. *Revista de Letras*. v. 2, n. 37. 2018. pp 98-108.

NOWOGRODZKI DA SILVA, A. Confluências entre a sociolinguística qualitativa e a ecolinguística: práticas religiosas virtualizadas. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*. v. 5, n. 2. 2019. p. 54-74.

Aceito em 11/08/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 2, 2021.